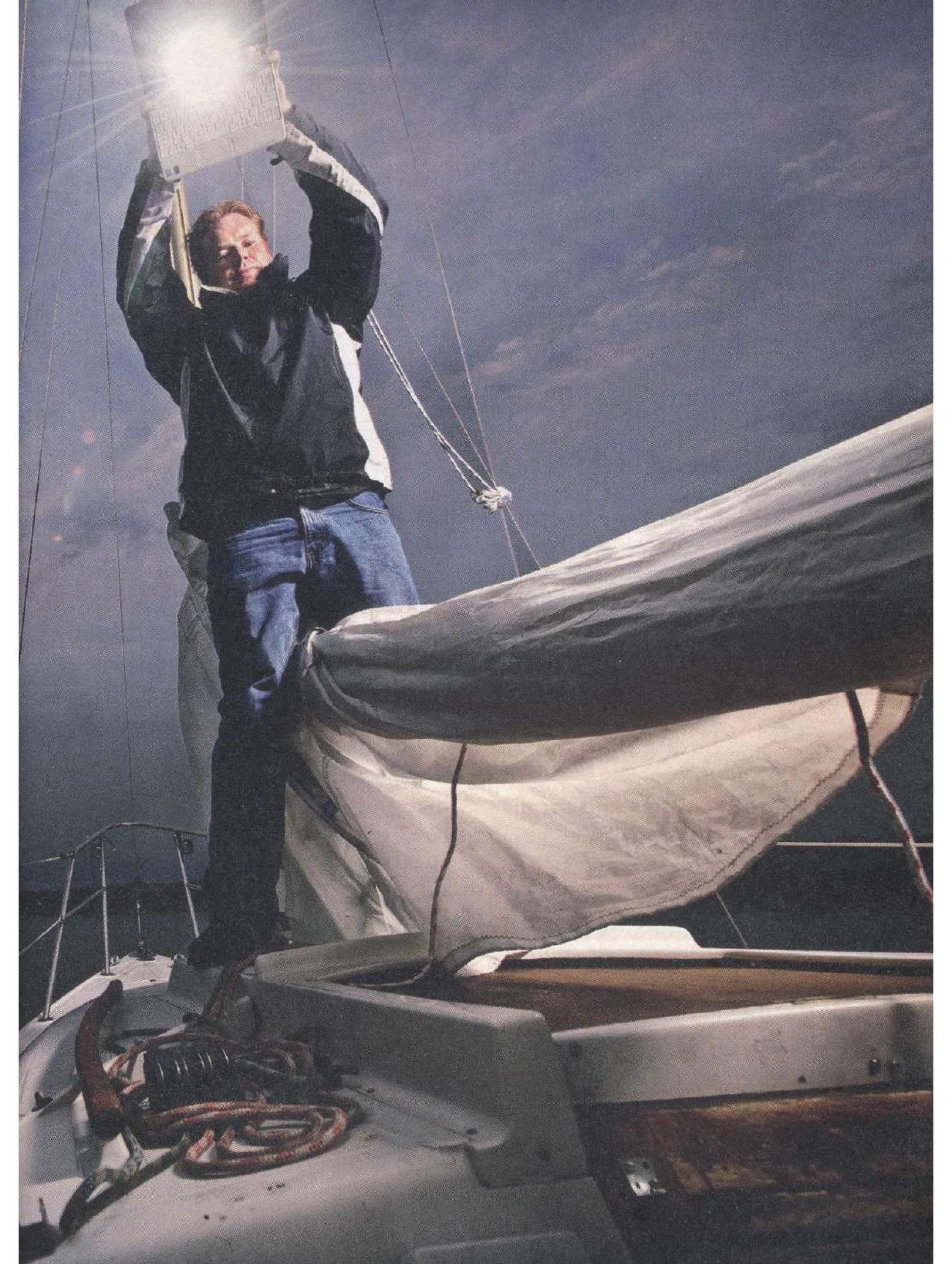


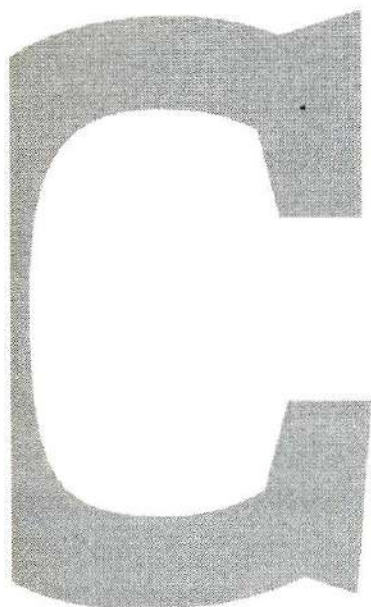
Salvo pelo meu laptop

Um tranquilo passeio de barco se transforma em uma aventura arrepiante

POR JOS VERSTEEGEN



Joris Hooimeijer se recosta feliz enquanto a vela do barco se estica calmamente no vento, iluminada pelo crepúsculo cintilante. Já no fim da estação – em 9 de outubro de 2010, um sábado –, o vento no IJsselmeer é bem gelado, mas o sol de outono ainda tem força suficiente para neutralizá-lo. Para o solteirão de Assen, na Holanda, aos 35 anos, esse é um momento de supremo relaxamento.



Com seis metros, o barco de madeira azul e sem nome passa sob a ponte Ketelbrug e pela cidade de Urk. Depois, vira para a direita, rumo a Lemmer.

Joris, homem tranquilo e robusto, dono de uma empresa de informática, segue

a linha longa e reta da costa do município de Noordoostpolder.

Antes das 19 horas, quando escurece, pretende chegar a Lemmer para atravessar as comportas. Na velocidade atual de cerca de 7 km/h, deve conseguir.

Mas o vento aumenta, e o barco começa a adernar demais. Está “carenando”, como dizem os marinheiros. O contrapeso da quilha provoca uma ten-

são tremenda no casco do barco. Sem que Joris perceba, o casco aos poucos se abre numa fenda de cerca de 1,5 m.

Quando o litoral de Noordoostpolder se curva de forma gradual para o nordeste, Joris tem de navegar contra o vento. Ele ajusta a vela e liga o motor, achando que isso lhe permitirá continuar a viagem calmamente.

Mas, quando entra na cabine para pegar uma lata de refrigerante, leva um susto. Há meio metro de água lá! As almofadas dos bancos estão boiando. Ansioso, ele procura um balde.

Esse sábado era o último dia do passeio a vela que começara em Sneek. Naquela manhã, Joris zarpara às 8 horas perto de Nijkerk. Afinal, tinha um longo caminho pela frente até o atracadouro de inverno de Sneek. Não levava o rádio porque, pela manhã, o tempo parecia ótimo. O dia prometia ser muito bom.

Mas, ao ver a cabine cheia d’água,



Joris Hooimeijer
a bordo de seu
veleiro.

a sensação de relaxamento torna-se um leve pânico. Ele acha um balde e começa a tirar a água. Mas isso não basta. Aos poucos, a água sobe e inunda o barco. Será que consegue chegar à costa? As comportas de Lemmer estão no máximo a 10 km. Se conseguir chegar ao quebra-mar, poderá sair do barco.

Ele acelera para ganhar velocidade. Mas um barco inundado é bem diferente de um barco vazio. A força do motor eleva a proa. Normalmente isso não é problema, mas a água da cabine corre para a popa, fazendo-a mergulhar ainda mais na água. Agora até os embornais estão submersos, e mais água continua a entrar!

A popa afunda mais, até que o motor se enche d'água e para. Está a cerca de um quilômetro de Lemmer, mas Joris não consegue mais fazer o pequeno veleiro avançar. Percebe que o barco vai encalhar. Está preso ali e aos poucos se afunda. A noite cai. A luz do mastro se apaga e seu celular

está molhado. Não funciona. Ansioso, Joris olha em volta. Não há nenhum barco à vista.

- Socorro! - grita para o leste, na direção do litoral de Noordoostpolder. - Socorro! Socorro!

Mas seus gritos ecoam contra o vazio. E agora? Ele para e pensa: "O vento leste está empurrando o barco com tanta força que talvez ele se solte e vá direto para o lago. Isso pode me levar até Medemblik." Nesse momento, vê o *laptop*.

"Estou em apuros no IJsselmeer. Pode chamar a polícia? Não tenho como telefonar, e o barco está encalhado. Está esfriando." Joris manda o *e-mail* para a mãe de 70 anos, em Meppel, na esperança de que ela esteja *on-line*. Mas o *e-mail* volta. Joris checa a conexão sem fio, que parece funcionar bem.

Há sempre alguns amigos *on-line* na rede social holandesa Hyves, pensa Joris, principalmente numa noite de sábado. Tiritando dentro do suéter e

do casaco, posta uma mensagem. “Alguém pode chamar a polícia? Estou à deriva no cais de Lemmer, meu barco está encalhado, o motor pifou e estou com frio.”

Em minutos, recebe duas respostas de amigos. “É sério ou brincadeira?”, lê Joris. “Não é brincadeira. Quem brincaria de chamar a polícia?”, responde.

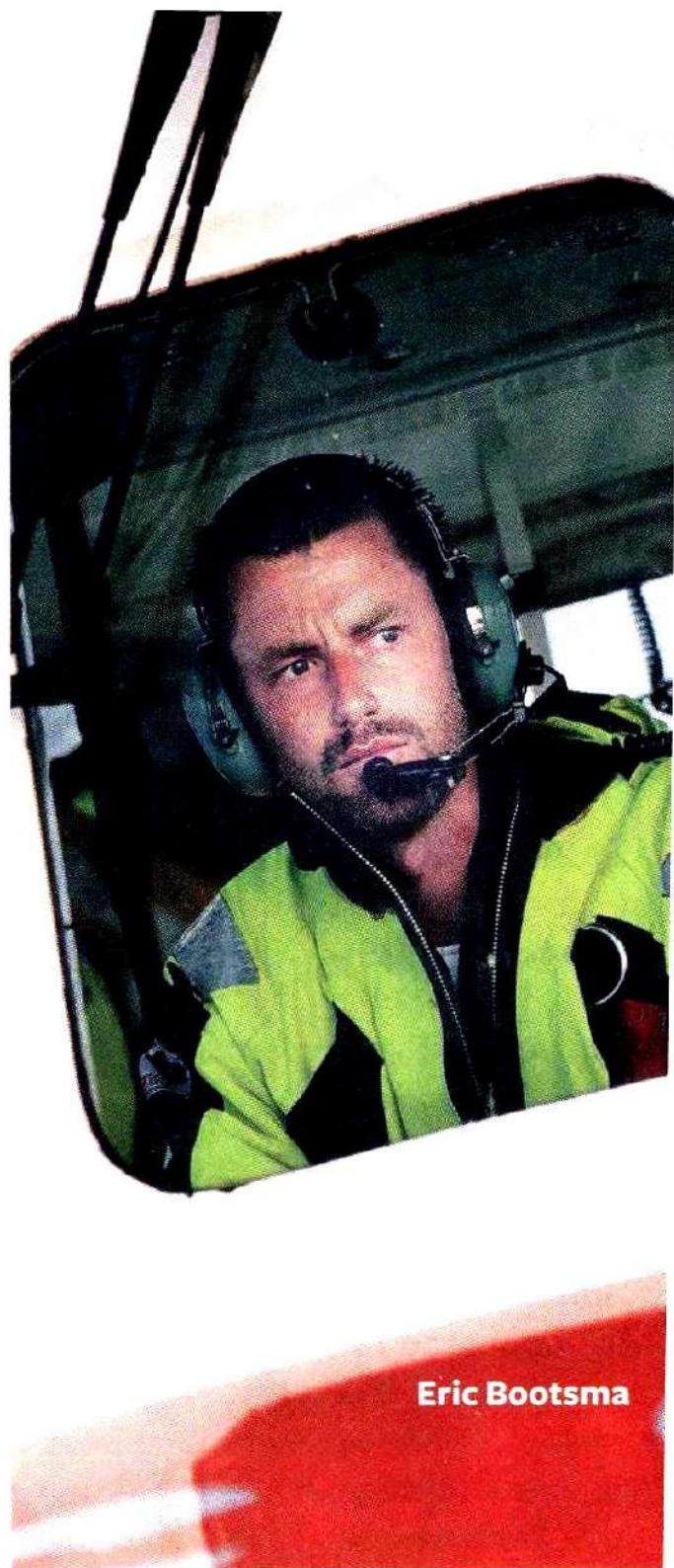
Esmeralda*, uma amiga de Smilde, responde: “Acabei de falar com a polícia, mas eles não podem fazer nada. Só os bombeiros, que têm barco.” Mas Joris pensa: “Não vai adiantar, nunca virão até aqui.”

Os minutos se passam sem mais notícias no *laptop*. “E agora?”, pensa Joris. Será que Esmeralda ligou mesmo?

Está escurecendo. Ele então recebe uma nova mensagem da amiga: “O centro da Guarda Costeira me ligou.” Joris sabe que o centro coordena as operações de resgate, executadas pelo posto da KNRM (Real Sociedade Holandesa de Resgates) em Lemmer.

“Exatamente onde você está?”, pergunta a amiga por *e-mail*. “Perto das comportas de Lemmer”, responde

* nome trocado para preservar a identidade



Eric Bootsma

Os minutos se passam sem mais notícias no *laptop*. “E agora?”, pensa Joris. Será que Esmeralda ligou mesmo?

Joris, “mas não sei ao certo onde, porque não dá para enxergar. O último lugar que consegui ver com clareza foi o canal Prinses Margriet.” Esmeralda repassa a mensagem para o centro da Guarda Costeira. Agora, Joris sente muito frio. A escuridão o assusta.

Nessa noite, Eric Bootsma acabou de jantar com a família em Lemmer. O coordenador da KNRM está colocando os três filhos pequenos para dormir quando o bipe toca. Ele olha a telinha: “Nadador em perigo / desaparecido.”

Bootsma, de 45 anos, corre até o saguão, veste o casaco, calça os sapatos e entra no carro. Em quatro ou cinco minutos chegará ao abrigo de barcos. “Quem em sã consciência estaria nadando àquela hora?”, pergunta-se enquanto dirige. Ou seria outra coisa? O código de emergência era “prioridade 1”, que também pode indicar incêndio a bordo ou naufrágio.

No abrigo de barcos da sociedade de resgates, oito homens chegam para realizar a operação. Bootsma e os colegas conferem o relatório do pedido de socorro do centro da Guarda Costeira.

Houve uma falha de comunicação. Não existe nenhum nadador em perigo no IJsselmeer, e sim um marinheiro num barco que está afundando.

Tremendo de frio, Joris manda outra mensagem pelo Hyves, pedindo aos socorristas que se apressem. “Não vou aguentar muito tempo.” Imagens do que pode acontecer passam por sua mente. Sentado no convés, pode ser vencido pelo frio. Pode cair na água. Nadar até Lemmer seria perigoso, porque a temperatura da água é de apenas 10 ou 12°C. A hipotermia seria morte certa. E, embora naquele ponto o IJsselmeer tivesse apenas poucos metros de profundidade, quando a água não dá pé, não faz diferença se são três ou trinta metros.

Então, ele recebe uma mensagem de Esmeralda: “Os socorristas estão a caminho.”

Fitando o escuro na direção de Lemmer, Joris vê dois holofotes a distância: fachos claros de luz varrendo a superfície. “Ótimo”, pensa, “mas como



A equipe KNRM, que salvou Joris, em seu barco.



ter certeza de que eles vão me achar? Estou tão longe aqui na água que mal posso ser visto.”

Então ele tem uma ideia. “Vou acenar com o *laptop* e eles verão a tela no escuro.” Ele sobe no telhado da cabine e move lentamente o *laptop* na mão direita. Quando o braço começa a doer, passa o computador para a outra mão. De vez em quando, precisa sentar-se; não consegue ficar em pé o tempo todo. Devagar, o barco afunda mais. Agora, só a cabine está acima da superfície.

Um barco de resgate de 15 metros e uma veloz lancha inflável de três metros zarpam do porto de Lemmer no IJsselmeer. O centro da Guarda Costeira lhes manda uma nova mensagem urgente sobre o marinheiro em perigo. “Barco afundando.” Eric Bootsma e os seus homens vasculham as águas com os holofotes. É difícil encontrar um barco tão perto da costa, ainda mais quando está praticamente submerso. O barco grande é equipado com radar, mas as ondas de rádio podem se refletir em objetos em terra.

Tremendo de frio, Joris manda outra mensagem pelo Hyves, pedindo aos socorristas que se apressem.

“Não vou aguentar muito tempo.”

- Ei! Vamos por ali, vejam que estranho! - grita Eric de repente, ao ver uma luz retangular que se move. As duas embarcações seguem na direção de Joris Hooimeijer. - Olhem, há um homem em cima da cabine! - Apenas a cabine e o mastro estão acima d'água.

Um fecho de luz brilha na direção de Joris. "Eles me viram!" Ele consegue ver duas embarcações: um barco grande e uma pequena lancha inflável.

- Vamos levar a lancha até aí. Pule nela - é a ordem.

Quando a lancha se emparelha com a cabine, Joris se arrisca a pular. Os socorristas o agarram pelos braços e pelo tronco. Uma vez a bordo, é enrolado num cobertor. Joris olha, triste, o seu veleiro mais uma vez. "Pena que o meu barquinho terá de ficar para trás..."

- Você teve muita sorte - diz Eric enquanto seguem para Lemmer.

Por volta das 19h30, os socorristas o deixam no abrigo de barcos. Dão-lhe café quente, e ele toma um banho e liga para Esmeralda e para a mãe, para avisar que está bem.

O grande barco de resgate volta até o barquinho. Só às 22h30 as duas embarcações retornam. Dizem a Joris que instalaram uma bomba de sucção, e ela tirou água suficiente para o barco voltar a flutuar. Depois rebocaram-no até Lemmer e o puseram em terra. Chamam um táxi para levar Joris a Sneek, onde ele deixara o carro. De lá, ele volta sozinho para Assen.

- **Tive muita sorte** - diz Joris. - Sempre gosto de levar o computador comigo; afinal de contas, trabalho com ele. Agora até lhe devo a vida. Foi ótimo ter uma amiga *on-line*. Acho que nunca mais saio de casa sem o meu *laptop*.

DE VIAGEM

De férias na Europa, certo dia minha mulher e eu partimos cedo de Roma para o litoral do mar Adriático, prevendo a parada para um café da manhã combinado com almoço.

Entretanto, em todos os restaurantes ouvimos variações de "Vino, si; pasta, no." Às 15h30 estávamos famintos!

Por fim, chegamos a um restaurante que parecia promissor, mas estava fechado. Como ouvimos ruídos de talheres, batemos com força na porta e fomos conduzidos amavelmente por um labirinto de divisões cheias de gente.

Seguiu-se um serviço perfeito e comida maravilhosa. A clientela festiva até nos brindou várias vezes.

Mais tarde descobrimos que entramos de penetra numa festa de casamento.



Tony Zanin